

DE MINAS

Belo Horizonte, fevereiro — Chegando, não procuro ninguém, saio andando à toa pela avenida Afonso Pena. Quanta gente na rua, quantos prédios altos de 15, 16 e 20 andares. Paro na calçada para ver-lhes a altura, como se eu fôsse um capiau chegado da roça. Na verdade não é da roça que estou chegando, mas de uma cidade que era a metade desta, ou menos da metade: de Belo Horizonte de 1936, quando o Cinema Brasil parecia um arranha-céu. Venho de mais longe, venho de 1931: naquela rua descí marchando em meu uniforme da Linha de Tiro. Ali era a redação do primeiro jornal diário em que trabalhei; ali adiante, uma noite... Mas enxoto as lembranças: estou em uma cidade nova e estranha, e tenho prazer em andar nessa avenida de árvores gordas.

A noite vejo o governador Juscelino Kubitschek; é um homem cordial, um homem de Diamantina, de sorriso fácil, que foi um prefeito bastante ousado para dar serviços importantes aos arquitetos, pintores e escultores modernos do Brasil. A igreja que ele fez Oscar Niemeyer construir na Pampulha foi refugada pelo arcebispo, mas não importa, em Minas há muito lugar onde rezar e a pequena igreja se não atraí romeiros católicos, chama os peregrinos da arte. Agora não é mais a Prefeitura, é o Estado que toma conta da Pampulha, que será cuidada e preservada dos estragos que ia sofrendo.

Em vão o governador Milton Campos pregou e praticou a austeridade: não conseguiu superar os efeitos das ruinosas interventorias que o precederam, e o sr. Juscelino recebe o Estado com uma dívida pesada. Não poderá realizar coisa alguma se não tiver um apoio decidido do governo federal. Alguém me diz que ele surpreendeu a muitos, que o julgavam mais estabulado, não metendo os pés na obra de seu antecessor, que deixou, em execução, um plano de recuperação econômica do Estado da maior importância. Em vista das críticas surgidas, por exemplo, ao grandioso projeto do Salto Grande, o sr. Juscelino convidou dois técnicos federais para opinarem; não tenho dúvida de que eles decidirão continuar a obra. O atual prefeito de Belo Horizonte é o sr. Américo Giannetti, udenista. O antigo prefeito vivia às turras com o antigo governador, mas o sr. Juscelino foi o primeiro a fazer um gesto de paz entre o Estado e o Município. Assim ele parece começar bem; é um homem ambicioso e de bom humor, que tem fama de ser amigo dos amigos e cordial com o resto do mundo. Esperemos que ele confirme isso e siga os exemplos de justiça, serenidade e honradez que em meio a este Brasil tão melancolicamente avacalhado o governo do sr. Milton Campos nos deu.

Na tarde de Belo Horizonte reencontro muitos amigos. Mas só o poeta Monzeca é capaz de me levar ao buteco especial onde encontramos um bolinho de feijão com aquêle gosto ingênuo da Belo Horizonte de antigamente.

24.2.51

R. B.

398